

Antonio Tabucchi

O Tempo Envelhece Depressa
nove estórias

Tradução de
Gaëtan Martins de Oliveira



D. QUIXOTE

O círculo

«Perguntei-lhe por aquele tempo, de quando éramos ainda realmente jovens, ingénuos, arrebatados, patetas, incautos. Alguma coisa ficou, a juventude não – respondeu.»

O velho professor calara-se, parecia quase constrangido, enxugara precipitadamente uma lágrima que lhe assomara às pestanas, dera uma palmadinha na testa como que a dizer que palerma, queiram desculpar-me, desapertara o papillon de um cor de laranja incrível e dissera no seu francês castigado por uma forte pronúncia alemã: peço desculpa, peço desculpa, já me esquecia, o título da poesia é *O velho professor*, da grande poetisa polaca Wisława Szymborska¹, e foi então que apontou para si próprio como a querer dizer que a personagem daquela poesia coincidia de algum modo com ele, depois bebera outro calvados, bem mais responsável pela sua comoção do que a poesia, e deixara escapar meio soluço, levantaram-se todos para o consolar: vá lá, Wolfgang, continua a ler, o velho professor assoara-se a um enorme lenço aos quadrados: «Perguntei-lhe pela fotografia», continuara com voz poderosa, «a da moldura pousada na secretária. Eram, foram. Irmão, primo, cunhada, mulher,

¹ Wisława Szymborska (1923-2012), Prémio Nobel da Literatura em 1996.

a filhinha sentada ao colo, o gato nos braços da menina, e a cerejeira em flor, e sobre a cerejeira o voo de um pássaro não identificado – respondeu.»

O resto já ele não ouvira, ou talvez se tivesse recusado a ouvir, era tão querido o velho professor do cantão de Saint-Gall, os primos de Saint-Gall são um pouco toscos, dissera a tia-avó certa noite na cozinha, umas criaturas estranhas, boa gente, mas vivem naquele sítio isolado no meio de montes e lagos, e no entanto ela achava o velho professor de Saint-Gall delicioso, chegara mesmo a tirar fotocópias da poesia que quisera ler durante o brinde, que delicadeza, e deixara-as em cima da mesa à disposição dos convivas, no meio dos doces e dos queijos, porque em seu entender não havia melhor homenagem à memória do avô, «o meu saudoso irmão Josef que nunca esquecerei, antes me tivesse o Senhor chamado a mim e não a ele». E contudo quem ali estava era ele, vivo e pujante, com o nariz coberto de veiazinhas vermelhas que o álcool tornara ainda mais evidentes, enquanto a avó escutava embevecida (ou teria adormecido?) o elogio poético do cunhado ao defunto marido, porquanto o aniversário dessa morte, já lá iam dez anos, era a razão de ser daquela solene reunião de família, comemorar os mortos é um dever mas não obstante a vida continua, e a vida que continua merece ser celebrada tanto ou mais que a dos defuntos, e os invejosos que se amolem, porque família é família, sobretudo uma família ilustre como a nossa, que já no dealbar do século dezanove detinha estações de mala-posta que iam de Genebra ao cantão de Saint-Gall, e do lago Constança à Alemanha, e da Alemanha à Polónia, ele ainda por aí há gravuras e fotografias, no álbum de família estão lá todas, dessas antigas estações viria então a nascer a rede dos estabelecimentos comerciais que hoje fazem a celebridade da família Ziegler na Suíça e em toda a Europa, os fundadores já morreram há tempo, os herdeiros mais velhos não

tarda, mas a família continua, porque a vida continua, por isso aqui estamos a celebrar a vida que continua, com os nossos filhos e netos, concluíra triunfalmente o tio-avô de Saint-Gall.

Lá estavam eles, os herdeiros de tanta tradição. O gesto teatral do tio-avô de Saint-Gall, que declamava a poesia com a voz embargada, parecia destinar-se precisamente a eles: ao garoto de caracóis louros que já usava gravata e à menina com o rosto coberto de sardas, ignaros um e outro de que aquela mão se dirigia precisamente a eles, ignaros também da memória daquele desconhecido avô Josef, entretidos como estavam a disputar uma fatia de bolo de chocolate, e o rapazito, que levava a melhor sobre a irmã, já ostentava nos beiços a prova da sua vitória, à maneira dos bigodes de um roberto, e Greta, a última nora, tão branca de pele, tão solícita, limpou com um guardanapo de renda, também ele de Saint-Gall como o tio-avô, os restos de chocolate das faces do menino e sorriu. Um sorriso bonito num rosto viçoso de leite e de sangue, como ouvira em tempos dizer naquela terra, não em Genebra, talvez, mas em Lugano: leite e sangue. Que estranha mistura, ao ouvi-la pela primeira vez aquela expressão causara-lhe um efeito estranho, uma espécie de náusea, talvez porque tivesse imaginado um jarro de leite pingado de sangue. E o seu pensamento regressara automaticamente a uma infância que no entanto não era a sua, a uma aldeia perdida no tempo, no sopé das montanhas de um país ao qual, naquela cidade onde agora homenageavam um avô Josef que também não era seu e que nunca chegara a conhecer, chamavam Magreb, como se pertencesse a uma geografia abstracta. Quando ela era pequena não sabia que o sítio onde viviam os seus antepassados se chamava Magreb, nem eles sabiam, era onde viviam e acabou-se, e a avó também não sabia, a avó, cuja imagem emergiu como de um poço soterrado, estranha coisa, porque não era a recordação de uma pessoa, era a

recordação de uma avó de que lhe tinham falado, ela nunca chegara a conhecê-la, como poderia lembrar-se tão bem de um rosto que nunca vira? E depois ocorreu-lhe a imagem da mãe, era forte, a mãe, e que bonita era, com aquele perfil altivo e os olhos grandes, e lembrou-se da sua maneira de falar, e daquela pronúncia antiga, antiquíssima, porque vinha do âmago do deserto onde nunca se tinham aventurado os salteadores árabes, que traficavam com os corpos das pessoas, nem os padres católicos, que traficavam com as almas, mais valia deixar os berberes em paz, é gente não traficável. E ao mesmo tempo pensou também de onde viria aquele profundo sentimento de si própria que por instantes sentiu emergir frente ao gesto perfeito e resoluto com o qual Greta limpava os restos de chocolate da face do seu menino. Do nada, aquele sentimento provinha do nada, tal como a sua recordação, que a bem dizer não era uma recordação, mas a recordação de uma história, e não era ainda um sentimento, era uma emoção e ao fim e ao cabo nem sequer uma emoção, eram tão-só imagens que a sua fantasia construía em criança enquanto ouvia as recordações dos outros, mas com o tempo esquecera esse lugar remoto e imaginário, e isso surpreendeu-a. Por que razão esses lugares de areia de que lhe falara a mãe, era ela pequenina, haviam ficado sepultados na areia da sua memória? Os Grands Boulevards, era essa a geografia que pertencia à sua memória, as grandes avenidas de Paris onde o pai tinha um selecto escritório de notário, com papel às flores na parede e poltronas de cabedal, o pai, advogado famoso de um grande escritório parisiense. No andar de cima ficava o apartamento onde crescera, um apartamento com janelas altíssimas e molduras de estuque, um edifício erigido por Haussmann, lá em casa sempre ouvira dizer: é um edifício de Haussmann, e Haussmann era Haussmann, ponto parágrafo, mas que tinha Haussmann que ver com o que ela era?

Fez esta pergunta enquanto Greta limpava a mancha de chocolate do rosto do filho, e aquilo que perguntava a si própria gostaria de o ter perguntado a todos os comensais daquela festa de família, daquela família tão hospitaleira e generosa que celebrava um avô empreendedor capaz de transformar velhas estações de mala-posta numa lucrativa empresa comercial, da qual também ela era agora proprietária, visto que o proprietário era Michel. Mas que tinha Monsieur Haussmann que ver com isso? Haviam de tomá-la por louca. Minha querida, teria dito Greta (teria sido precisamente Greta a dizê-lo), que tem Haussmann que ver com isso, é o maior urbanista francês do século dezanove, remodelou Paris, tu crescestes num dos prédios erguidos por vontade dele, por que havias tu de te lembrar de Haussmann? Greta tinha o complexo de viver em Genebra que, à vista de Paris, ela considerava uma cidade de província, e talvez achasse aquilo uma provocação. Não era de todo em toda coisa que se dissesse numa festa de família, naquela casa sólida com amplas janelas debruçadas sobre o lago, junto àquela mesa lautamente recheada de todas as benesses do Senhor, poderia ter falado do deserto, mas ter-lhe-iam perguntado que tinha o deserto que ver com aquilo, ela poderia ter respondido que por contraste, porque vocês, aqui à vossa frente, têm um lago esplendoroso a transbordar, e ainda por cima com um repuxo no meio que projecta a água a cem metros de altura, ao passo que a minha avó vivia rodeada de areia e em pequenina para arranjar uma bilha de água pela manhã tinha de caminhar até ao poço de Al Karib, agora até consegui lembrar-me do nome, e tinha de fazer três quilómetros no escuro para lá chegar e outros três debaixo de um sol abrasador para regressar com a bilha à cabeça, e vocês não podem realmente fazer ideia do que é a água porque têm água a mais.

Era conversa que se fizesse? E que culpa tinham eles disso? E até podia dizer que se lembrara da expressão leite e sangue, em

seu entender realmente monstruosa, porque em criança, à tardinha, a avó levava-a por vezes até ao curral e ela contemplava fascinada aquele líquido branco que a avó espremia das tetas das cabras para uma bacia de zinco e depois levavam-no para casa com o respeito que se deve a um presente divino, mas se naquele líquido imaculado caíssem algumas gotas de sangue acharia aquilo monstruoso, teria fugido assustada, mas tinha de se calar, porque não se tratava de uma recordação, era uma fantasia, uma falsa recordação, ela nunca pusera os pés naquele curral, e assim, ao fugir de uma falsa recordação, encontro-me agora aqui, pensou, nesta simpática família que me recebe de braços abertos com grande afecto, peço desculpa a todos, o que eu digo não tem lógica, talvez fosse por estar a olhar para as minhas mãos um tanto mais escuras, e a expressão leite e sangue pareceu-me mesmo estranha, talvez eu precise de um pouco de ar fresco, Genebra, no Verão, chega a ser ainda mais quente do que Paris, é mais húmida, gostei muito desta festa, são todos muito queridos, mas é como se estivesse mesmo precisada de apanhar ar, aqui há anos, quando éramos noivos, o Michel levou-me até às pastagens das montanhas, fomos de autocarro, naquele que vai até à última aldeia, se bem me lembro não é assim tão longe, indo de táxi ponho-me lá em meia hora, ao fim e ao cabo as pastagens não chegam sequer aos mil metros, o Michel já deve estar a fazer a sesta, digam-lhe que não se preocupe, estarei de volta antes do jantar.

* * *

Estava imenso calor. Interrogou-se como era possível que a mil metros de altitude estivesse ainda mais calor do que na cidade. Talvez a cidade fruisse do efeito benéfico do lago, logicamente, uma grande toalha de água refresca o ar das redondezas. Ou

talvez a temperatura fosse igual à de Genebra, ela é que devia estar encalorada, era um calor interior, como quando a temperatura do corpo, por razões que só o corpo conhece, se torna muito mais elevada do que a temperatura ambiente. O sol fustigava o planalto, para mais não havia árvores, só uma vasta extensão de pastagens, melhor, uma pradaria agreste, muitos anos antes, quando Michel a levara lá acima pela primeira vez, foi na Primavera, o planalto reverdecera graças às chuvas do Inverno, tinham-se conhecido havia pouco, ela nunca estivera na Suíça, e eram tão jovens, Michel andava no último ano de medicina, já lá iam portanto uns quinze anos, porque ele acabara o curso em Junho, e com o canudo tinham festejado o seu aniversário, vinte e cinco anos. Pensou por instantes no tempo, e no que vinha a ser isso afinal, mas só por instantes, porque a vista daquela planície amarelada voltou a prender-lhe os olhos e os pensamentos, era uma palha rasa que dava mau andar, provavelmente tinham cortado a erva em Junho para a provisão invernal dos camponeses, pensou que o verde amarelece, e o seu espírito regressou então ao calendário, os meses, os anos, as datas, quase quarenta anos, disse em voz alta, isto é, trinta e oito, mas trinta e oito são quase quarenta, e ainda não fiz um filho. Deu-se conta de ter falado em voz alta, como se naquele plaino calcinado e amarelecido se dirigisse a uma plateia inexistente, e em voz alta continuou: por que é que só agora pergunto isto?, como é possível que uma mulher casada há quase quinze anos ainda não tenha feito um filho sem se perguntar porquê? Sentou-se no chão, sobre a palha ríspida. Tivesse aquilo sido coisa combinada, um acordo com o Michel, faria sentido, mas não acontecera por vontade própria, fora assim, nunca lhes nascera um filho, pronto, acabou-se, e ela nunca procurara o porquê, achara normal, tal como achara normal ter crescido num belo edifício dos Grands Boulevards, como se aquele primoroso apartamento

parisiense fosse a coisa mais natural do mundo, nada disso, a coisa mais natural do mundo não existe, as coisas existem consoante nós quisermos, desde que as pensemos e as queiramos, então é possível conduzi-las, se não é deixá-las andar. De acordo, disse para consigo, mas o que é que conduz o todo? Haveria alguma coisa a comandar do exterior aquela espécie de fôlego imenso que ela via à sua volta?, a erva feita restolho que reverdece ao dobrar da estação, aquele dia sufocante de fim de Agosto, prestes a apagar-se, e a velha avó da casa de Genebra, por quem sentiu subitamente um enorme carinho, e também o tio-avô de Saint-Gall, que bebia de mais e lia poesias, lembrou-se do seu papillon desapertado e das veiazinhas vermelhas no nariz e vieram-lhe as lágrimas aos olhos e sabe-se lá porquê ocorreu-lhe a imagem de uma criança que pela mão da mãe regressa de uma feira de aldeia, a feira acabou, é domingo, anoitece, e a criança leva um balão atado ao pulso, segura-o orgulhosamente como um troféu e de repente, ploff, o balão esvazia-se, alguma coisa o perfurou, seria o quê?, o espinho de uma sebe, talvez. Pareceu-lhe ser ela aquela criança que de repente dá por si com um balãozinho murcho nas mãos, alguém lho roubara, nada disso, o balão ainda lá estava, tinham-lhe apenas retirado o ar que o enchia. Seria então assim, o tempo era ar e ela deixara-o fugir por um furo minúsculo de que não se dera conta? Mas onde estava o furo?, não atinava com ele. Pensou de novo em Michel, naqueles primeiros anos em que ele passava os dias no laboratório, de onde voltava tardíssimo, morto de cansaço, era bom esperá-lo até à meia-noite e comer umas garfadas de spaghetti preparado à própria da hora, o Michel pesquisava em torno de um medicamento que poupasse as crianças a uma doença terrível, o que era admirável, mas para quê salvar crianças em abstracto se o seu filho não era nenhuma delas? Nítidos, voltaram-lhe à memória aqueles serões, os Nocturnos de

Chopin em surdina, às vezes o Michel propunha um disco de músicas berberes, dizia que o ritmo dos tamborins lhe amainava o cansaço e a inquietação, mas se havia coisa que ela não suportava eram aqueles tamborins, depois, naquele pequeno apartamento que se debruçava sobre uma modesta praça de Paris, iam para a cama e amavam-se de amor ardente, mas nunca desse amor nascera um filho.

E porquê o porquê perguntava a si própria nesse preciso momento, naquele lugar que não lhe pertencia, naquele plaino ermo embainhado no calor de Agosto? Seria porque Greta, que era dois anos mais nova do que ela, tinha produzido dois filhos magníficos? Ocorreu-lhe exactamente esta palavra: produzido, e arrependeu-se, pareceu-lhe obscena, mas ao mesmo tempo apercebeu-se da sua íntima verdade, que é a verdade da carne, porque o corpo produz e a carne reproduz-se, transmitindo-se enquanto está viva, com os humores vitais que circulam dentro dela, desde que tenha água, esse líquido amniótico que dentro da placenta nutre a minúscula testemunha que recebeu a transmissão da carne. A água. Pareceu-lhe compreender que tudo dependia da água e não pôde deixar de perguntar se o seu corpo não precisaria de água, se também ela não conseguiria escapar ao destino dos seus, que durante séculos tinham lutado contra o deserto resistindo à areia que tudo afunda para acabarem por render-se e mudarem-se para outras paragens, e agora, onde em tempos viviam os seus antepassados, os poços estavam soterrados, dunas e nada mais, bem o sabia. Tomou-se de pânico, o seu olhar vagueou perdido por aquele plaino amarelo, em cujo horizonte começava a declinar um sol demasiado vermelho. E nesse momento avistou os cavalos.

* * *

Era uma manada de uma dezena de cavalos, talvez mais, quase todos de pêlo cinzento, uns quantos malhados de branco. Mas ligeiramente destacado dos outros, pescoço hirto num jeito altivo como se fosse o chefe do bando, estava um garanhão negro que raspou a terra com um dos cascos e relinchou. Não se encontravam longe, duzentos ou trezentos metros, não mais, mas ela não os tinha visto e só quando os enxergou lhe pareceu que também eles a fixavam, e foi então que o garanhão relinchou mais alto, e como se aquela troca de olhares constituísse um sinal de entendimento os cavalos deslocaram-se ondeando no ar bruxuleante daquela tarde quente, o garanhão sacudiu as crinas, relinchou ainda mais alto e partiu a galope arrastando a manada consigo. Ela via-os avançar, incapaz de se mexer, dando-se conta de que a vastidão da planície falseara a perspectiva, estavam mais longe do que lhe parecera, ou então levavam demasiado tempo a aproximar-se, como em certas cenas que se vêem nos filmes e os movimentos evoluem mais lentamente no espaço, quase líquidos, como se os corpos fossem dotados de uma graça oculta que algum estranho sortilégio nos vai revelando. Assim avançavam, os cavalos, com aquela cadência fluida que o sonho por vezes nos concede, como se navegassem no ar, embora os cascos tocassem o chão porquanto uma espessa cortina de pó se erguera à sua passagem e encobria o horizonte. Deslocavam-se mudando de alinhamento, ora em fila indiana, ora abrindo-se em leque, ora dispersos como se cada um deles tivesse o seu destino, para se reunirem finalmente numa fila compacta, enquanto a cabeça e o pescoço de todos eles observavam o mesmo ritmo à mesma cadência, e de novo se abriam em leque, como uma onda marinha feita de corpos. Pensou por instantes em fugir, mas percebeu que não podia. Voltou-se para os animais e permaneceu imóvel, mantendo as mãos cruzadas sobre os seios, como se houvesse de protegê-los. Nesse instante,

o cavalo negro deteve a sua corrida cravando os cascos na terra, com ele parou toda a manada, como se a batuta de algum maestro invisível tivesse decretado uma pausa naquele misterioso bailado sem música, era um simples intervalo, teve clara noção disso. Fixou-os com o olhar e esperou, não estavam a mais de dez metros, podia distinguir os seus grandes olhos húmidos, as ventas que latejavam, arquejantes, o suor que brilhava nas garupas. O cavalo negro ergueu a pata direita, como qualquer cavalo de circo no início de um número, deixou-a suspensa a meia altura por instantes e depois partiu de rajada começando a rodar à sua volta e, ao rodarem, os cascos abriram no solo um círculo exacto, e então, fosse porventura esse o sinal, todos os outros cavalos começaram a segui-lo, primeiro a trote e depois a galope, que foi aumentando gradualmente de intensidade, a velocidade marcada ditada pelo garanhão, como um carrossel sem travão num turbilhão alucinado. Assim os via dardejar à sua volta, num círculo que se tornava cada vez mais rápido, a uma velocidade tal que quase já não havia espaço entre um cavalo e outro, mas apenas um muro de cavalos feitos um só cavalo, o recorte inconsútil de um cavalo cuja cabeça renascia de uma cauda e cuja cauda era uma cabeça, e os cascos, erguendo uma nuvem de pó que a envolvia, ecoando no solo árido, lembraram-lhe o rufar dos tambores nalgum lugar de que não guardava memória mas que ela ouviu com nitidez absoluta, e por instantes viu mãos a percutir a pele dos tambores, nascia do chão a música que lhe chegava aos ouvidos, como se a terra estremecesse, sim, bem a sentia, antes de lhe chegar aos ouvidos subia-lhe dos pés às pernas, ao tronco, ao coração, ao cérebro. E entretanto os cavalos giravam em círculo, cada vez mais rápidos, tão rápidos como os seus pensamentos também eles feitos círculo, num pensamento que a si se pensava, deu-se apenas conta de pensar que pensava, nada mais, e naquele momento

o chefe do bando, no jeito repentino com que desenhara o círculo, rompeu-o num salto brusco que parecia subtrair-se às leis da natureza, desenhou uma tangente de fuga arrastando consigo toda a manada, e em poucos segundos os cavalos afastaram-se a galope.

E ela ali estava, contemplando o bruxulear da palhiça levantada pelo pó que brilhava à luz do sol poente, pensou que tinha de continuar a pensar em não pensar em nada, sentou-se remexendo com os dedos a palha ríspida em busca da terra, o sol desaparecia aos poucos e na luz avermelhada já despontavam laivos de índigo, àquela altitude o horizonte era circular, era essa a única coisa em que conseguia pensar, que o horizonte é circular, como se o círculo desenhado pelos cavalos se tivesse dilatado até ao infinito, transformando-se no horizonte.